

TERRITORIALIDADES
LGBTQIAP+

REFERÊNCIAS CULTURAIS PERSONALIDADES

Realização

InstitutoPólis

repep

Apoio

 IPHAN INSTITUTO
BRASILEIRO DE
PATRIMÔNIO
HISTÓRICO
E ARTÍSTICO
NACIONAL

DESCRIÇÃO

A população brasileira carece de referências positivas quando se trata das populações oprimidas. Durante séculos, o Brasil foi retratado somente pelos olhos de homens brancos, das elitistas e cristãos, que colocavam a vida da maior parte da população - mulheres, indígenas, pessoas negras, de religiões de matriz afro, etc. - como inadequada, exótica e condenável.

A população LGBTQIAPN+ é um desses grupos historicamente marginalizados cuja opressão é atravessada pelas questões de raça, condição social e gênero, aprofundando ainda mais a discriminação. Ainda hoje a mídia sensacionalista retrata pessoas LGBTQIAPN+ como bizarras, perigosas e cômicas, enquanto a mídia violenta explora os assassinatos horrendos que as acomete cotidianamente, não raro desrespeitando suas identidades.

A falta de referências positivas é um dos obstáculos para a autoestima e para o empoderamento das pessoas LGBTQIAPN+, pois a dificuldade de se autovalorizar é maior quando a esperança no futuro é pequena ou inexistente. Porém, no atual cenário brasileiro são incontáveis os exemplos de pessoas LGBTQIAPN+ lutando e construindo uma sociedade melhor, seja pela educação, acolhimento ou até pela expressão da revolta.

Os nomes abaixo são de ativistas, pessoas inseridas na política institucional, artistas, docentes, e representam somente parte da luta pelos Direitos Humanos, direitos das pessoas LGBTQIAPN+, contra o racismo, contra o machismo e o feminicídio, pela liberdade de expressão e religiosa.

ERIKA HILTON



A deputada Erika Hilton na Câmara dos Deputados. Foto: Zeca Ribeiro.
Fonte: PSOL/Câmara dos Deputados

Erika Hilton, primeira vereadora travesti eleita pelo município de São Paulo em 2020, foi também a mulher mais votada daquele ano e tem se destacado como deputada federal desde sua eleição em 2022.

Erika nasceu e cresceu em Franco da Rocha, uma cidade da região metropolitana de São Paulo, e passou a sua adolescência em Itu, uma cidade do interior. Cresceu em uma família matriarcal com diversas figuras femininas, podendo se expressar com liberdade. Em entrevista, relatou que não teve um processo de transição de gênero nesse período, pois sempre se expressou e foi tratada como uma garota, revelando, então, uma infância diferente de muitas mulheres trans e travestis no Brasil.

Durante sua adolescência, sofreu abusos quando o fundamentalismo religioso adentrou na família e, pressionada, se converteu ao cristianismo e tentou sufocar sua identidade de gênero. Quando, aos quinze anos, voltou a expressar sua identidade, foi expulsa de casa e passou a sobreviver através da prostituição nas ruas. Após seis anos foi resgatada pela mãe, que a levou para casa. Erika, então, pode voltar aos estudos e concluir o ensino médio.

Já na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), iniciou a militância nos campus de São Carlos e da Universidade de São Paulo (USP) daquela cidade. Fundou, então, um cursinho popular para pessoas trans e, posteriormente em 2018, foi convidada a compartilhar um mandato coletivo da Bancada Ativista como co-deputada estadual de São Paulo pelo Psol (Partido Socialismo e Liberdade). Em 2020, lançou candidatura à vereadora pela mesma cidade, ocasião em que se tornou a vereadora mais votada do Brasil. Nesta gestão, foi a parlamentar com maior produção de propostas legislativas na Câmara de São Paulo, com 116 projetos de lei. Em 2022, foi eleita deputada federal por São Paulo.

Como política, atua em diversas frentes, tendo como foco as lutas contra a desigualdade social, racismo, pobreza e a LGBTfobia. Foi presidenta da Comissão de Direitos Humanos e da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) da Transfobia.

Recebeu diversos prêmios e menções no Brasil e no mundo, incluindo menção de Most Influential People of African Descent (pessoa mais influentes de descendência africana, em tradução livre), apoiado pela ONU, e foi eleita umas das 100 mulheres mais inspiradoras e influentes do mundo de 2022, pela rede de notícias britânica BBC.

LETICIA NASCIMENTO



A professora e ativista Leticia Nascimento. Foto: Wilkerson Araújo.
Fonte: Ciência Hoje (Reprodução)

Letícia Carolina Pereira do Nascimento nasceu em Parnaíba, Piauí, e foi criada pelos avós maternos, mas teve uma boa relação com a mãe, que morreu quando Letícia tinha apenas 10 anos. Ela se graduou em Pedagogia e, aos 24 anos, se tornou mestra em Educação pela Universidade Federal do Piauí.

Foi professora da rede pública de ensino fundamental da cidade de Luís Correia (PI) durante 07 anos. Letícia, que se assumiu inicialmente como um homem gay aos 18 anos, passou pelo processo de transição já como docente. Em 2017, aos 27 anos, passou a assumir publicamente a sua travestilidade quando deu uma palestra sobre teoria queer chamada Corpo Sem Órgãos, onde se apresentou como Letícia.

Letícia foi empossada em 2019 como professora da Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI), se tornando a primeira travesti a assumir esse cargo no Estado. “Meu doutorado não é para exaltar que eu seja a primeira, é para questionar onde estão as outras professoras doutoras e mestras travesti?”, pontuou Letícia em uma entrevista.

É conhecida por ser autora do livro Transfeminismo, lançado pela Coleção Feminismos Plurais em 2021, se tornando uma referência contemporânea para os estudos sobre o tema. Além disso, também desempenha um trabalho como ativista no Fórum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros (FONATRANS).

BRENDA LEE



A ativista Brenda Lee. Foto: Reprodução/Youtube.
Fonte: Folha de Pernambuco

Brenda Lee foi uma travesti que acolheu e amparou travestis, mulheres trans e outras pessoas LGBTQIAPN+ em situação de vulnerabilidade em sua casa, em São Paulo. Foi militante e pioneira na luta contra o estigma do HIV/Aids no país ao acolher pessoas vivendo com HIV em sua pensão, a Casa de Apoio Brenda Lee. Por seus cuidados, era chamada de “mãe” e “anjo da guarda das travestis”.

Nasceu em Bodocó, Pernambuco, em 10 de janeiro de 1948. Foi expulsa de casa aos 14 anos de idade e mudou-se para São Paulo onde, mais tarde, adotou seu nome e sua identidade de gênero. Sendo travesti, enfrentou dificuldades para se manter em empregos e precisou se prostituir. Trabalhou como prostituta por alguns anos em São Paulo e em Paris.

Aos 36 anos retornou ao Brasil em busca de uma outra vida que não a prostituição e, por isso, comprou uma casa no Bixiga, no distrito da Bela Vista, centro de São Paulo, e a transformou em pensão que recebia travestis e mulheres trans. Logo, a pensão tornou-se abrigo para essas pessoas que eram expulsas de suas casas, condição que Brenda conhecia bem.

A epidemia de HIV/Aids, propaganda na época como “peste gay” e “câncer gay”, atingiu gravemente a população de travestis e mulheres trans, das quais muitas eram profissionais do sexo. Não era incomum que quem apresentasse os sintomas da doença fosse rejeitada até por outras travestis receosas de contrair o vírus. Brenda Lee, em entrevista, declarou que “se estiver com Aids e não tiver lugar para ficar, pode vir aqui para casa que a gente cuida sem nenhuma discriminação.” Logo, a casa se transformou em ponto de acolhimento de pessoas vivendo com HIV, a Casa de Apoio Brenda Lee.

Era muito dedicada e passou a ser chamada de “mãe” pelas moradoras. Por seu papel de carinho e proteção, muitas pessoas a consideraram a primeira mãe das famílias LGBTQIAPN+. Segundo um antigo morador da pensão, Brenda era muito esforçada e não passava mais de duas horas fora da Casa. Nestes momentos, buscava auxílio para manter os serviços, dando entrevistas e procurando patrocínio. Seu acolhimento, aliás, estendia-se não somente para LGBTQIAPN+, mas para todas as pessoas em situação de vulnerabilidade. Após décadas de trabalho amparando pessoas que precisavam de ajuda, foi assassinada em 1996, vítima de um golpista que tentou falsificar um cheque emitido por ela. A missa de velamento de seu corpo foi celebrada pelo padre Júlio Lancelotti, representando o Cardeal Arcebispo de São Paulo, dom Evaristo Arns.



Doodle com ilustração de Brenda Lee e o Palácio das Princesas, elaborado e exibido pelo Google em homenagem ao Dia Nacional da Visibilidade Trans de 2019.
Fonte: GoogleDoodles

Brenda Lee é uma das entrevistadas do documentário suíço-brasileiro *Dores de Amor*, de 1988, junto com outras mulheres trans e travestis. Em 2021 foi lançado um musical que conta sua história, *Brenda Lee e o Palácio das Princesas*. Foi primeiramente lançado em formato online por conta da pandemia da Covid-19, mas foi posteriormente encenado nos palcos, em 2023.

CÁSSIA ELLER



Cantora Cássia Eller em show.
Fonte: Rádio Senado

Cássia Eller foi uma das figuras mais importantes do MPB e do rock nacional. Muito amiga de Nando Reis, Cássia também acabou por se tornar uma grande figura representativa para mulheres lésbicas, em especial, para mulheres lésbicas masculinizadas. Sua presença neste inventário se dá como personalidade referência para muitas mulheres que se relacionam com outras mulheres.

Nascida em 10 de dezembro de 1962, em Campo Grande, Rio de Janeiro, Cássia morou em diversas partes do Brasil graças ao cargo de seu pai no exército, retornando ao Rio aos 12 anos. Na adolescência, começou a se interessar por música e, ao completar a maioridade, decidiu se mudar para Belo Horizonte em busca de mais liberdade.

Sua carreira começou desde então e a voz grave de Eller chamava muito a atenção quando comparada a outras cantoras brasileiras. Com a fama, muitos compositores passaram a escrever suas músicas pensando em sua voz. Assim, iniciou trabalhos com outros nomes importantes da música, como Renato Russo, o próprio Nando Reis, Caetano Veloso e Rita Lee.

Apesar de ser muito discreta quanto à sua vida pessoal, Cássia Eller falava abertamente sobre sua bissexualidade. Inclusive, a cantora manteve um relacionamento de longa data com Maria Eugênia, considerada o grande amor da sua vida. Com ela, Cássia criou Chicão, filho do casal e fruto do relacionamento que a cantora teve com seu baixista na época.

A importância e relevância de Cássia Eller como figura LGBTQIAPN+ é inegável. Cássia, mesmo com sua discricção, contribuiu com a visibilidade do amor entre mulheres, representatividade de mulheres masculinizadas e se tornou símbolo dentro da comunidade de mulheres que amam mulheres. Além disso, após a morte de Cássia, Maria Eugênia precisou entrar com uma ação judicial para ter a guarda de Francisco. Chicão, ao ser ouvido na audiência, manifestou interesse em ficar com sua mãe Eugênia. Em 2002, em decisão inédita, a Justiça brasileira entregou a tutela da criança a Maria Eugênia.

Cássia veio a falecer jovem, aos 39 anos, e no auge de sua carreira. No dia 29 de dezembro de 2001 a cantora sofreu diversas paradas cardíacas, foi hospitalizada, mas não resistiu. Apesar da associação que muitos fizeram entre a morte dela com o uso de drogas, Cássia estava limpa há dois anos, como disse em entrevistas, o que foi mostrado no seu exame toxicológico. A verdade é que a artista sofreu de um infarto no miocárdio repentino.

Após sua morte, Cássia Eller recebeu inúmeras homenagens ao longo dos anos, dentre elas muitos tributos e, em 2022, um musical sobre a história de sua vida, carreira e legado atemporal. O musical “Cássia Rejane - Muito mais que Eller” teve suas primeiras apresentações em Brasília e rodou todo o país, esgotando bilheterias na homenagem a uma das maiores cantoras do Brasil.

ERICA MALUNGUINHO



A política, ativista e artista plástica Erica Malunguinho.
Fonte: Wikimedia Commons.

Erica Malunguinho é artista plástica, educadora e política brasileira e foi a primeira mulher trans eleita deputada estadual na Assembleia Legislativa de São Paulo. Nasceu em Recife em 20 de novembro de 1981 e cresceu imersa na cultura negra e indígena. Veio para São Paulo aos dezenove anos e começou a explorar melhor sua identidade de gênero até se entender como uma mulher trans. Adotou o sobrenome Malunguinho em referência ao culto da Jurema Sagrada, entidade das florestas de Pernambuco.

Após cursar o mestrado na USP em estética e história da arte, estabeleceu um estúdio próprio para sua produção artística, no bairro de Campos Elíseos, no centro de São Paulo. Em 2016, transformou esse estúdio no centro cultural e político Aparelha Luzia. Este espaço é denominado “quilombo urbano”, local de encontro, debates, cursos e de apresentação de produções intelectuais e artísticas de pessoas negras, com o objetivo de difundir a política e a cultura negra.

FERNANDA BENVENUTTY



A ativista Fernanda Benvenutty durante o Grito dos Excluídos e Excluídas de 2010.
Fonte: Blog Eu sou Fernanda Benvenutty

Fernanda Benvenutty foi uma política travesti pioneira e uma das precursoras da ANTRA, fundadora e primeira presidente da Associação de Travestis da Paraíba e militante no movimento LGBTQIAPN+ no seu Estado e em âmbito nacional, sendo a responsável pelo primeiro serviço de atendimento às vítimas de homofobia e transfobia na cidade de João Pessoa (PB). Participou da campanha Travesti e Respeito, em 29 de janeiro de 2004, que se tornou o Dia da Visibilidade Trans.

Foi candidata a vereadora em 2008 e em 2018, e a deputada estadual em 2010, sempre associada ao Partido dos Trabalhadores. O partido recebeu críticas por, naquela época, não apostar na eleição de uma política travesti e priorizar outros candidatos. De qualquer forma, abriu caminhos para que outras pudessem ocupar este espaço.

Foi técnica em enfermagem com 20 anos de experiência, parteira na Maternidade Cândida Vargas e técnica em enfermagem no hospital de psiquiatria Juliano Moreira, ambos em João Pessoa. Se tornou muito querida pela comunidade por ter dado a luz a inúmeras gerações e sempre se mobilizado politicamente.

Agente cultural, foi artista circense, trabalhou no teatro, passou pela escola de samba Noel Rosas, depois Última Hora, no Jaguaribe, e fundou, em 2004, a escola Império do Samba, no Roger, bairro de João Pessoa. Também foi por muitos anos empregada doméstica e babá, líder estudantil e coroinha da igreja.

Em 2020 foi homenageada por sua escola de samba, Unidos do Roger, com o desfile tendo sua trajetória como tema. Infelizmente, acabou falecendo de câncer nos rins 20 dias antes do desfile acontecer, no dia de Iemanjá - 02 de fevereiro. A escola, apesar do luto, celebrou no samba a vida de Fernanda, com sua presença em espírito, e levou o primeiro lugar. Sua vida foi contada também em uma biografia lançada em 2022, intitulada Fernanda Benvenutty, uma política travesti.

JAQUELINE GOMES DE JESUS



A professora e militante Jaqueline de Jesus.
Fonte: Blog Jaqueline J.

Jaqueline Gomes de Jesus nasceu em Brasília em 7 de março de 1978, filha de um operador de computadores da UnB, o sergipano Gizélio Gomes de Jesus, e de uma professora da rede básica no Centro Educacional 9 de Ceilândia, a mineira Maria Marly da Cunha Gomes, que foi a primeira pessoa da família a concluir o Ensino Superior, no curso de Pedagogia da UnB. Seus avós maternos, Jonas Pinto da Cunha e Terezinha Duarte da Silva, foram candangos que trabalharam na construção da Capital Federal, tendo montado um barraco de tapumes em frente ao Campus Darcy Ribeiro (UnB). Ela cresceu no Setor O de Ceilândia e completou seu Ensino Fundamental em um colégio de freiras de Taguatinga.

Ingressou no curso de Química em 1996, mas, após um ano, se tornou caloura do curso de Psicologia na Universidade de Brasília (UnB), onde também cursou seu mestrado, concluído em 2005, com a dissertação Trabalho Escravo no Brasil Contemporâneo: Representações Sociais dos Libertadores, concluindo o doutorado em 2010 com a tese O Protesto na Festa: Política e Identidade nas Paradas do Orgulho LGBT. Concluiu pesquisa de pós-doutorado no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas em 2014, tendo investigado trabalho e movimentos sociais.

Foi assessora do vice-reitor da UnB, Timothy Mulholland, e participou da formulação do Sistema de Cotas para Negras e Negros, iniciativa pioneira no país da qual foi a primeira gestora, ocupando o cargo de Assessoria de Diversidade e Apoio aos Cotistas e coordenadora do Centro de Convivência Negra, entre 2004 e 2008. Por indicação da vereadora Marielle Franco, foi a primeira mulher trans e negra a receber a Medalha Chiquinha Gonzaga, em 2017, que homenageia mulheres que contribuíram com os direitos humanos, artísticos, democráticos e culturais. Recebeu também o Prêmio Rio Sem Homofobia, do Estado do Rio de Janeiro, entre outras honrarias.

Participa de movimentos sociais desde 1997, quando conheceu o Estruturação - Grupo LGBT de Brasília, do qual se tornaria presidenta em 1999. Ainda durante a graduação, ajudou a fundar a Associação de Acadêmicos Gays, Lésbicas e Simpatizantes do Brasil (AAGLS), presidida por Luiz Mott, e fundou a ONG Ações Cidadãs em Orientação Sexual (ACOS). Participou da organização da 1ª Conferência Distrital GLBT e da 1ª Conferência Nacional GLBT. Foi eleita presidenta do Fórum LGBT do DF e do Entorno, tendo sido uma das organizadoras da Parada LGBT de Brasília. Também foi Conselheira do Conselho Regional de Psicologia do Distrito Federal.

É professora de Psicologia do Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ) e compõe o quadro de pesquisadores do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz (DIHS/ENSP/FIOCRUZ). É docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de História (ProfHistória) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e do Programa de Pós-Graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca da Fundação Oswaldo Cruz. É pesquisadora-líder do ODARA - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Cultura, Identidade e Diversidade (CNPq), integra a Comissão de Direitos Humanos do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e desde 2021 preside a Associação Brasileira de Estudos da Trans-Homocultura (ABETH).

É autora e organizadora do primeiro livro em língua portuguesa sobre transfeminismo, *Transfeminismo: Teorias e Práticas*, de 2014. No campo do audiovisual, tem diversas participações em televisão e internet, compondo o elenco de debatedores do programa *Debate*, do Canal Futura, que oferece ao público discussões aprofundadas e contextualizadas sobre educação e temas da atualidade. Escreveu o texto e atuou junto com a professora e dramaturga Dodi Leal, no curta-metragem *Nós Somos a Neblina*, de 2021.

LINIKER



A cantora e atriz Liniker.
Fonte: Divulgação

Liniker de Barros Ferreira Campos, nascida em 1995 em Araraquara, interior de São Paulo, não apenas elevou a música brasileira a novos patamares, mas também se destacou como uma voz essencial na promoção da diversidade e representatividade. Sua jornada musical começou com a banda Liniker e os Caramelows, grupo que se tornou conhecido pela habilidade de misturar estilos diversos, incluindo soul, blues, R&B e música brasileira contemporânea. Foi a primeira pessoa trans a ganhar um Grammy Latino.

Sua voz potente, carregada de emoção, conquistou admiradores e críticos, solidificando seu espaço no cenário musical brasileiro. O álbum de estreia, “Remonta” (2016), foi um marco significativo, apresentando canções que exploravam temas de amor, identidade e resistência, demonstrando não apenas o talento musical, mas também a capacidade de Liniker em expressar sua própria experiência e perspectiva sobre os afetos. Nos álbuns seguintes, como “Goela Abaixo” (2019), continuou a mostrar sua versatilidade artística. O trabalho incorporou uma variedade de influências musicais, explorando novos territórios sonoros e consolidando a posição de Liniker como uma das artistas mais inovadoras da sua geração.

Em 2016, compartilhou publicamente sua identidade de gênero, tornando-se um ícone de representatividade para a população LGBTQIAPN+. Liniker é uma figura central na cena musical, mas também uma ativista, utilizando sua visibilidade para promover a inclusão e sensibilizar a sociedade sobre as questões enfrentadas pela população trans no Brasil.

-

Além dos feitos musicais, Liniker participou de importantes festivais nacionais e internacionais, ampliando sua audiência e levando sua mensagem para além das fronteiras brasileiras. Seu impacto transcende a música, alcançando esferas sociais e culturais, tornando-a uma figura emblemática da diversidade e da luta pelos direitos humanos. Inclusive, Liniker fez sua estreia como atriz na série *Manhãs de Setembro* com a personagem Cassandra, uma mulher trans que se descobre mãe ao ser confrontada por uma criança que teve antes de transicionar.

O legado de Liniker na música brasileira é indiscutível. Sua coragem ao enfrentar desafios pessoais e sociais, aliada ao seu talento artístico, possibilitou inúmeros debates e portas abertas para novas oportunidades. Em 2023, a cantora foi a primeira pessoa trans a ser eternizada na Academia Brasileira de Cultura, juntamente com nomes como Conceição Evaristo e Alcione. Liniker é mais do que uma cantora. “Eu ainda nem sei o que falar com tamanha honraria que recebo. Assumir esse lugar, a cadeira 51, que foi de Elza Soares, nossa eterna voz no Brasil em que vivemos, com os recortes que perpassam meu corpo, é surreal e gigantesco. Nunca achei que seria possível ser considerada assim, por não imaginar mesmo, por ser distante”, publicou ela em suas redes sociais.

LAERTE



Laerte na Marcha do Orgulho Trans em São Paulo, em 2019.
Fonte: Wikimedia Commons

Laerte Coutinho nasceu em São Paulo, capital, em 10 de junho de 1951 e é uma das maiores cartunistas/quadrinistas do país, reconhecida internacionalmente. Suas criações circulam em jornais, revistas, livros e até em exposições. Bissexual e trans, é também roteirista e militante pela liberdade de expressar sua identidade de gênero.

As histórias de Laerte tocam em diversos temas, alguns questionadores e filosóficos, outros fazem críticas sociais e políticas, enquanto outros ainda retratam a vida na cidade. Criou diversos personagens marcantes, entre estes estão: Os piratas do Tietê, Overman, Gatos, Fagundes o puxa-saco, Hugo/Muriel, andorinha Lola, Deus, Minotauro, além da própria Laerte. Suas obras já foram apresentadas em diversas exposições, além de coletâneas que unem seis décadas de produção.

Em entrevista, afirmou que começou o crossdressing em 2004 (Finotti, 2010), aos 52 anos, mas ainda de forma tímida. Tornou pública sua busca pelo autodescobrimento em 2009, quando o crossdressing já aparecia em tiras da personagem Hugo/Muriel, uma mulher trans se descobrindo, tanto em sua pele quanto na sociedade.

De crossdressing, passou a se denominar travesti, depois mulher transgênero. Dizia inicialmente que não considerava passar por cirurgia, mas no documentário *Laerte-se* (2017), seu pensamento já havia mudado. O processo de autodescoberta foi acompanhado pelo público em entrevistas, reportagens e até em suas próprias tirinhas. Tanto nas suas obras quanto nas entrevistas, apresentava seu mundo de forma leve, com crítica, humor sagaz e mais perguntas que respostas, evidenciando a complexidade em torno dos conceitos de gênero e performatividade, complexidade esta própria da existência humana.



Tirinha do personagem Hugo/Muriel. Reprodução: Laerte, Manual do Minotauro.

Desde que adotou o crossdressing passou a estimular debates sobre sexualidade e gênero, assim como LGBTfobia e direitos humanos, de forma provocativa e com um humor muitas vezes ácido. Laerte é uma das cofundadoras da ABRAT, a Associação Brasileira de Transgêner@s, que, segundo ela "(...) a gente tá aí para isso, para discutir e estimular o debate. Justamente para que as pessoas percam o medo de se reconhecer como transgêneras, como transexuais, como homossexuais, o que for. Para as pessoas não se sentirem ridículas, erradas, bizarras." (Trip, 2012)

ROSELY ROTH



Rosely Roth na sede do GALF/Outra Coisa em junho de 1983. Fonte: Um Outro Olhar, 2021.

Nascida em 21 de agosto de 1959, Rosely Roth foi uma das pioneiras do movimento LGBTQIAPN+ brasileiro. Foi uma das organizadoras do levante do Ferro's Bar, ocorrido em 1983.

Rosely iniciou seus estudos sobre vivência lésbica na faculdade, onde se formou em Filosofia e Antropologia, com o trabalho Vivências Lésbicas - Investigação acerca das vivências e dos estilos de vida das mulheres lésbicas a partir da análise dos bares freqüentados predominante por elas e Mulheres e Sexualidades.

Foi integrante do Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), Grupo Lésbico Feminista (LF) e SOS Mulher, e, em 1981, junto com Miriam Martinho, da Rede de Informação Um Outro Olhar. Foi fundadora do GALF, o Grupo de Ação Lésbica Feminista (1981-1990), um grupo libertário e autonomista que se tornaria um importante para o movimento feminista e lésbico e era responsável pelo boletim Chana-comChana.

Como representante do grupo, participou de diversas manifestações pelos direitos da mulher lésbica, em debates com outros grupos homossexuais e com parlamentares. Em 1985 e 1986, participou duas vezes do programa da apresentadora Hebe Camargo, dando destaque para o tema da mulher lésbica, um tema ainda pouco discutido e visibilizado na época. Nesses programas, Rosely teve a oportunidade de expor os temas de sexualidade, feminismo, gênero e repressão de forma clara e com fundamento teórico, diferenciando-se da imagem de ativistas efusivos.

Em 1983, o GALF organizou a manifestação que ficou conhecida como o Levante do Ferro's Bar, ou o Stonewall brasileiro. Rosely foi capturada em diversas fotos enquanto manifestava repúdio aos donos do bar, contrariados pela frequência das lésbicas.

Rosely passou a demonstrar sintomas de esquizofrenia no final de 1987, doença que causou momentos de grande apatia e depressão, além de surtos psicóticos. Após dois anos e meio convivendo com a doença, se suicidou no dia 28 de agosto de 1990. Rosely Roth, contudo, continua a inspirar gerações de lésbicas e feministas por seu corajoso e dedicado ativismo. Em homenagem a ela, no dia 19 de agosto, dia do ato no Ferro's Bar, é comemorado o Dia do Orgulho Lésbico Brasileiro.

MARIELLE FRANCO



Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro e defensora dos direitos humanos.
Foto: Mídia Ninja

Marielle Franco, nascida em 27 de julho de 1979 no Complexo da Maré, Rio de Janeiro, foi uma vereadora carioca de extrema importância para o movimento LGBTQIAPN+ negro e pobre. Assassinada no ano 2018, Marielle tornou-se um símbolo da luta política, especialmente para o movimento LGBTQIAPN+, representando a negritude e a resistência de mulheres LBT+.

Criada em meio à realidade desafiadora do Complexo da Maré, Marielle Franco superou obstáculos educacionais e sociais, obtendo o diploma em Sociologia na PUC-Rio e o mestrado em Administração Pública. Seu ativismo inicial concentrou-se em organizações de defesa dos direitos humanos e na promoção da igualdade racial e de gênero. Após perder uma amiga vítima de uma bala perdida na Maré, Marielle buscou em sua vida política denunciar principalmente a violência policial dentro das comunidades.

A entrada de Marielle na política marcou uma nova fase de seu ativismo, se destacando por sua defesa pela população LGBTQIAPN+. Seu mandato como vereadora pelo Psol foi marcado por iniciativas específicas, como:

1. Criação da Frente Parlamentar LGBTQIAPN+: Marielle foi fundamental na criação dessa frente, um espaço político dedicado a discutir e propor políticas públicas para a comunidade LGBTQIAPN+;
2. Luta contra a Homofobia e Transfobia: Marielle esteve na linha de frente na denúncia de casos de violência contra a população LGBTQIAPN+, especialmente em comunidades marginalizadas, trazendo visibilidade a questões muitas vezes negligenciadas;
3. Participação Ativa nas Paradas do Orgulho: Marielle não apenas participou, mas também apoiou ativamente as Paradas do Orgulho LGBTQIAPN+, usando sua posição para amplificar as demandas da comunidade.

Além disso, Marielle atuou em parceria com diversas organizações não governamentais, como a Brasil Foundation e o Centro de Ações Solidárias da Maré (Ceasm). Já foi também presidenta da Comissão da Mulher na Câmara e coordenadora da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e Cidadania da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj).

Marielle foi assassinada em 14 de março de 2018 com cinco tiros. O motorista Anderson Pedro Gomes, alvejado com ao menos três tiros, também morreu. Foi um claro caso de execução, pois o carro de Marielle foi seguido por quilômetros e, após os tiros, nada foi levado pelos criminosos. Apesar das suspeitas quanto à autoria dos tiros e dos mandatários, o crime enfrentou dificuldades e resistências institucionais para sua plena solução, sem que os criminosos fossem identificados ou julgados. Em 2024 novas informações vieram à tona mostrando a relação dos mandantes da execução de Marielle e Anderson com políticos e as milícias que atuam no Rio de Janeiro

Marielle virou símbolo da luta pela defesa dos Direitos Humanos, dos direitos das mulheres, de LGBTQIAPN+ e contra o racismo. Diversas manifestações se seguiram após sua morte brutal, seja nas ruas, por repúdio ao assassinato, seja por meio de homenagens. A mulher cria da Maré foi homenageada por escolas de samba, virou nome de prêmios, monumentos, praças e nome de auditório. Seu rosto foi estampado em muros em todo o país. Há homenagens à Marielle em Paris, Lisboa, Buenos Aires e Berlim. Em Washington, nos Estados Unidos, há uma bolsa de estudos batizada com seu nome na prestigiada Universidade John Hopkins. A homenagem mais conhecida a Marielle é também um grito de guerra: “Marielle, presente!” ainda é ecoado em manifestações e tornou-se símbolo nacional dos que clamam por justiça.

LINN DA QUEBRADA



A cantora e atriz Linn da Quebrada.
Fonte: Divulgação Centro Cultural São Paulo.

Linn da Quebrada, nome artístico de Lina Pereira, nasceu em 18 de julho de 1990 e construiu uma carreira como cantora, atriz, compositora e ativista social trans. Cresceu como Testemunha de Jeová, o que a fazia julgar como errado ser LGBTQIAPN+. Ao se assumir homossexual, enfrentou preconceito da família e da comunidade religiosa, que abandonou. Refere-se a si mesma como “bicha, trans, preta e periférica. Nem ator, nem atriz, atroz. Performer e terrorista de gênero” (Pereira, 2016).

No funk, encontrou espaço para explorar sua criatividade, contrariando o cenário machista de então. Sua primeira música autoral, intitulada “Enviadescer”, foi lançada em março de 2016 através do YouTube. A mensagem da música não se esconde atrás de aforismo e metáforas. Pelo contrário, é explícita nas escolhas das palavras ao defender o direito e a beleza de se ser feminino, ou de “enviadescer”. Em entrevista, reforçou:

“Passei uma vida inteira ouvindo que ‘ser viado não é uma coisa legal’, que ser travesti é perigoso e vai trazer problemas. E eu não estou dizendo que é fácil, mas que é possível e lindo ser transviada - é uma possibilidade feliz.” (Pereira, 2016)

Em seguida ao seu primeiro sucesso, lançou no mesmo ano “Talento”, “Bixa Preta” e “Mulher”, todas elogiadas pela crítica. Seu primeiro álbum, Pajubá (2017), foi lançado de forma independente após a realização de um financiamento coletivo bem-sucedido.

Na cinematografia e televisão, seus trabalhos focam em temas que lhe tocam, como gênero, sexualidade, transexualidade, além de abuso, assédio, racismo e machismo. O documentário Bixa Travesty (2018) acompanha a artista em sua vida pública e pessoal, denunciando diversas lutas pela desconstrução de estereótipos. O filme recebeu o prêmio de melhor documentário no Festival Internacional de Berlim, na Alemanha, entre outros vários prêmios.

Sobre se considerar terrorista de gênero, Linn respondeu em entrevista:

“Será que não fomos por tempo demais inofensivas? Não está na hora de a gente passar a dar medo, a assustar? E também a se assustar, se pôr em risco? Por isso me coloco nessa posição: eu quero duvidar da imagem consolidada há tanto tempo no espelho. Eu quebro esse espelho para que possa me reinventar. É preciso ter muita coragem para sair como eu saio na rua, porque as pessoas não matam só com faca ou com balas. O discurso também mata. Os olhares pelas ruas também nos matam e nos oprimem, e é preciso que todos os dias eu mesma me encoraje para poder ser”. (Pereira, op. cit.)

Em 2019, junto com a rapper Jup do Bairro, apresentou o programa de entrevistas TransMissão no Canal Brasil, que contou com uma conversa com a filósofa Judith Butler. No mesmo ano participou da série Segunda Chamada, transmitida pelo serviço de streaming Globoplay e pela Rede Globo. Na mesma emissora, participou do reality show Big Brother Brasil de 2022, de grande audiência, em que pautou nacionalmente as questões trans.

LECI BRANDÃO



A sambista e política Leci Brandão.
Fonte: Reprodução Carta Capital, 2020. Foto Leandro Almeida/Divulgação

Leci Brandão é uma cantora, atriz, compositora e política brasileira, considerada uma das mais importantes intérpretes de samba da música popular brasileira. Foi a primeira cantora famosa do Brasil a se pronunciar publicamente como uma mulher lésbica.

Nascida em 12 de setembro de 1944 no Rio de Janeiro, anunciou sua sexualidade em novembro de 1978, na sexta edição do jornal *Lampião da Esquina*, direcionado ao público LGBTQIAPN+. Contudo, não havia sido a primeira vez que Leci abordou esse tema, tendo escrito músicas como *Ombro Amigo*, uma composição solidária a pessoas em processo de aceitação da homossexualidade. Em *Questão de Gosto*, seu primeiro álbum lançado por uma grande gravadora em 1976, a sambista gravou *As Pessoas e Eles*, considerada uma das primeiras canções brasileiras a falar abertamente sobre homossexualidade. Com os versos “As pessoas não entendem/ Porque eles se assumiram/ Simplesmente porque eles descobriram/ Uma verdade que elas proíbem”, a faixa chamou bastante a atenção.

Até hoje é uma das poucas mulheres a já ter atuado como puxadora de samba, além de ter trabalhado como comentarista em desfiles das escolas de samba do Rio de Janeiro e de São Paulo. Leci também participou da novela *Xica da Silva*, exibida pela TV Manchete entre 1996 e 1997, em que interpretou a líder quilombola Severina. Leci tem ampla atuação política e ativista desde a década de 1980. Em 2010 se tornou a segunda deputada estadual negra eleita na ALESP e a primeira a ser eleita por quatro mandatos consecutivos. Entre os anos de 2004 e 2008 foi conselheira da Secretaria Nacional de Políticas de Promoção da Igualdade Racial e membra do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher a convite do então Presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Também é madrinha do bloco afro *Ilú Obá De Min*.

DANIELA MERCURY



A sambista e política Leci Brandão.
Fonte: Reprodução Carta Capital, 2020. Foto Leandro Almeida/Divulgação

Daniela Mercury, nascida em 28 de julho de 1965 em Salvador, Bahia, é muito mais do que uma estrela da música brasileira: ela se tornou uma figura central na luta pelos direitos LGBTQIAPN+. Sua carreira musical, que começou na década de 1980, é marcada por inovação, reconhecimento nacional e internacional, mas é seu compromisso corajoso com a visibilidade e aceitação da população LGBTQIAPN+ que a distingue como uma artista no cenário nacional.

O início da carreira de Daniela Mercury foi permeado por uma abordagem inovadora: ao misturar diversos gêneros, como axé, samba-reggae e MPB, ela criou uma sonoridade única que lhe trouxe destaque na indústria musical. Seu álbum “O Canto da Cidade” (1992) vendeu milhões de cópias e também projetou a cultura baiana e a diversidade musical brasileira em âmbito global.

Em 2013, Daniela Mercury publicou uma postagem nas redes sociais anunciando seu casamento com a jornalista Malu Verçosa em Paris. Essa revelação quebrou diversos tabus, além de a posicionar como uma das primeiras artistas de grande destaque no Brasil a se assumir como LGBTQIAPN+. Esse ato trouxe à tona uma conversa importante sobre diversidade e aceitação em um país onde o preconceito persiste, inclusive aquecendo ainda mais a discussão acerca do direito ao casamento civil igualitário para casais do mesmo gênero. Desde então, ela tem sido uma defensora incansável dos direitos civis, utilizando sua influência para combater a discriminação e promover a igualdade. Sua participação em campanhas e eventos destinados a sensibilizar a sociedade para as questões LGBTQIAPN+, como a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo, demonstra um compromisso profundo com essa população.

Daniela Mercury não é apenas uma artista de renome, mas uma figura emblemática que transcende o mundo da música. Se assumir como mulher lésbica em tempos tão conservadores e seu compromisso com a causa LGBTQIAPN+ a destacam como uma importante voz que usa sua plataforma para inspirar mudanças sociais. À medida que o Brasil e o mundo continuam sua jornada em direção à igualdade, Daniela Mercury mostra que a luta pelos direitos humanos deve existir poderosamente.

Daniela é também embaixadora da UNICEF no Brasil desde 1995 e se tornou imortal da Academia Brasileira de Cultura em 2023.

GLORIA GROOVE



A cantora e drag queen Glória Groove.
Fonte: Divulgação

Gloria Groove, nome artístico de Daniel Garcia Felicione Napoleão, é uma das personalidades mais destacadas da cena musical brasileira, especialmente reconhecida por sua presença vibrante e seu compromisso com a representação e visibilidade da população LGBTQIAPN+.

Nascida em 28 de janeiro de 1995 em São Paulo, Gloria Groove começou sua carreira artística em concursos de talentos e em apresentações teatrais na infância. A inserção de Gloria Groove no universo musical começou aos 7 anos, quando participou de festivais e eventos culturais.

Entretanto, foi em 2014, ao integrar o programa Esquenta! da Rede Globo, que a artista começou a desenhar sua jornada de sucesso. Esse marco inicial contribuiu para o seu reconhecimento nacional, revelando um talento que transita com destreza entre o pop, hip-hop e o funk. Gloria se tornou uma das principais representantes da música drag queen. Seu talento excepcional como cantora, rapper e performer a catapultou para o cenário musical brasileiro.

A estética visual de Gloria Groove, marcada por visuais impactantes e performances teatrais, destaca-se como parte integrante de sua identidade artística. Seus videoclipes são narrativas visuais ricas em simbolismo e mensagens relacionadas às suas vivências enquanto um homem negro, gay e drag. A artista também se destacou por colaborações com outros artistas de renome, incluindo outras drags, como Pablllo Vittar, além de já ter se apresentado em grandes eventos, dentre eles a Parada do Orgulho LGBTQ+ de São Paulo e, mais recentemente, o festival The Town.

Gloria Groove também utiliza sua plataforma para defender os direitos LGBTQIAPN+, ampliando o diálogo sobre diversidade e inclusão na sociedade brasileira. Sua presença pública, marcada por entrevistas e participações em eventos, contribui para um entendimento mais amplo e compassivo das experiências da população LGBTQIAPN+, bem como sua luta por direitos.

Sua trajetória destaca a importância da representação positiva na indústria do entretenimento e serve de inspiração para jovens LGBTQIAPN+, emergindo como uma voz poderosa e autêntica para a população periférica. Seu legado e experimentação são a prova da capacidade transformadora da arte e da importância da representatividade na construção de sociedades mais inclusivas e respeitadas com a diversidade.

JOÃO NERY



João Nery, militante e primeiro homem trans a realizar cirurgia de redesignação sexual masculina no Brasil.
Fonte: Pablo Saborido/CLAUDIA

Militante, psicólogo e escritor nascido no Rio de Janeiro em 12 de fevereiro de 1950, foi o primeiro homem trans a realizar a cirurgia de redesignação sexual no Brasil, em 1977.

Se reconhecia como menino desde criança e não entendia porque era tratado como menina. Seu comportamento e seu jeito de se vestir de menino o fizeram ser hostilizado desde a infância por outras crianças. Aos 9 anos de idade, foi levado ao psicólogo pela mãe. A psicóloga concluiu que João se projetava na figura do pai e tentava imitá-lo e que a mãe deveria forçá-lo a usar vestidos e se comportar como menina. Durante a adolescência, se dedicou à prática esportiva e aos saltos ornamentais, tendo conquistado o título nacional na modalidade feminina. Porém, seu corpo começava a dar sinais da puberdade, adquirindo traços femininos, aumentando o desconforto que sentia.

Foi integrante da turma da faculdade de psicologia onde estudava, mas o diretório acadêmico foi fechado durante a ditadura cívico-militar e ele foi enquadrado por “atentar contra a segurança nacional na universidade”. Numa viagem à Europa, em 1975, conheceu e aprofundou seus conhecimentos sobre sexualidade e gênero. Em Paris, encontrou uma revista chamada *Sexualité* que apresentava um artigo sobre casos de sucesso de cirurgias de redesignação sexual em mulheres trans. No Brasil, porém, a redesignação sexual era realizada somente de forma clandestina e em mulheres trans e travestis - a primeira cirurgia legal em uma mulher trans foi somente em 1998.

Além da proibição, havia barreiras impostas por parte da comunidade médica que desconhecia ou não acreditava na transexualidade e transgeneridade. Mesmo assim, João enfrentou as ideias da época e se submeteu à cirurgia de forma clandestina, assim como ao tratamento hormonal - o médico que realizou a cirurgia, Roberto Farina, seria posteriormente condenado pela Justiça por ter realizado diversos outros procedimentos de redesignação sexual. Também retificou sua documentação e formalizou seu nome de forma clandestina. Ao fazê-lo, abriu mão do diploma de psicólogo, parou de lecionar na universidade e de atender no consultório.

Sua companheira, Sheila Salewski, conta que em 1984, após lançar seu primeiro livro autobiográfico, *Erro de pessoa: João ou Joana*, passou a dar entrevistas para jornais e televisão, mas ocultava o rosto por medo de represálias à família. Em meados de 2010, percebendo que o tema era mais discutido na sociedade, publicou a segunda autobiografia, *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. A partir daí passou a ser procurado por outros homens trans e transmasculinos e criou uma rede de apoio que os colocava em contato com profissionais que atuavam na área, como médicos, psicólogos e advogados.

Em 2013, os deputados federais João Willys e Érika Kokay conversaram com João que lhes explicou sobre a invisibilidade dos homens trans e as necessidades da população transmasculina. Os deputados então lançaram o projeto de lei 5002/2013 que garantiria o respeito à identidade de gênero, independente do gênero atribuído ao nascer e à retificação do prenome e sexo em documentos. O PL recebeu o nome de João W. Nery, mas foi arquivado sem nunca ter sido apresentado à Câmara.

João Nery faleceu em 2018, vítima de câncer de pulmão. Mesmo não podendo acompanhar o resultado da lei em que foi a inspiração, deixou um rico legado para as novas gerações de homens trans e transmasculinos. Em 2019, sua quarta autobiografia foi publicada postumamente. Em *Velhice transviada: memórias e reflexões*, discorre sobre a dificuldade de envelhecer sendo trans, um tema ainda pouco desenvolvido no país.

CAROLINA IARA



A ativista e codeputada Carolina Iara. Foto: Psol

Eleita codeputada de São Paulo em 2020, negra e candomblecista, é a primeira travesti vivendo com HIV e primeira pessoa intersexo deputada da América Latina. É também uma das fundadoras da ABRAI, a Associação Brasileira de Intersexos.

Nascida na zona leste da cidade, desde muito pequena sofreu com intervenções cirúrgicas até os 12 anos de idade. Seu desejo por justiça social foi despertado desde cedo, crescendo na Fazenda da Juta, em Sapopemba, uma região originada da luta dos movimentos por moradias na década de 1980. Aos 14 anos começou a organizar coletivos LGBTQIAPN+ e a se envolver em movimentos sociais. Aos 15 anos se identificou como travesti e teve uma breve passagem como profissional do sexo. Carolina conta que foi nesse período da vida que mais aprendeu sobre solidariedade com outras mulheres.

Aos 18 anos decidiu interromper a transição para aumentar suas chances de empregabilidade, o que a levou a ter problemas psicológicos. Também nessa idade foi aprovada em concurso na Secretaria da Saúde do município, pedindo para trabalhar com vítimas de violência doméstica e participando da estruturação do núcleo de combate à violência doméstica em São Paulo. Passou a atuar dando assistência para vítimas de violência no Hospital Tatuapé.

Aos 22 anos recebeu o diagnóstico positivo para o HIV e, depois de muito sofrer em silêncio, tornou essa informação pública, recebendo apoio da mãe. Pouco tempo depois, em diálogo com mais ativistas vivendo e convivendo com o HIV/Aids, criou o coletivo Loka de Efavirenz que tem se destacado no debate nacional e internacional pelo direito ao acesso à medicação, pela melhoria das fórmulas oferecidas e pelo esforço no desenvolvimento da cura do HIV.

Iniciou a carreira política em 2015 quando foi convidada a escrever um programa LGBTQIAPN+ para o Psol. Foi uma das idealistas da Bancada Feminista do Psol de São Paulo, que conseguiu um assento na Assembleia Legislativa nas eleições de 2022.

Como codeputada, atua na defesa e garantia de Direitos Humanos, pelos direitos LGBTQIAPN+ e leva uma visão feminista interseccional e sua ação.

DZI CROQUETTES



O grupo Dzi Croquettes com figurino da peça.
Fonte: Globo/ Reprodução

Foi um grupo de teatro e dança que se apresentava de forma andrógina, atravessando conceitos de gênero através da maquiagem, vestuários e performances e desafiou a censura e a autoridade da ditadura cívico-militar. O grupo teve vida curta, entre os anos de 1972 e 1976, mas, impactou a sociedade e o mundo artístico pela ousadia com que desconstruiu a heteronormatividade, masculinidades e feminilidades.

Formado no Rio de Janeiro, era composto por 13 homens cis atores e bailarinos que “Vestiam sunga fio dental e maquiagem, corpos masculinos, peludos, pintados, purpurinados, plumados, performáticos e transgressores que resistiam e confrontavam os regimes militares da época.” (Da Silva, 2015). O grupo se utilizava justamente daquilo que a Ditadura afirmava e protegia para confrontar o engessamento da sociedade. Junto às transgressões, também muito humor e deboche. Tal riqueza artística e ousadia influenciou artistas famosos e históricos no Brasil como Ney Matogrosso e Elke Maravilha.

O grupo foi vigiado pelo sistema de censura do Regime Ditatorial (1964-1985) e precisou aumentar em dois centímetros o tamanho da sunga nas apresentações para continuar em cartaz. Com a constante repressão, foram tentar a sorte em Paris e encontraram Liza Minelli. A diva americana acompanhou o grupo em turnê pela Europa e Dzi Croquettes alcançou fama internacional.

MADAME SATÃ



Madame Satã.
Fonte: Fundação Cultural Palmares/Reprodução

João Francisco do Santos, nascido em 25 de fevereiro de 1900 em Pernambuco, foi importante figura da noite do Rio de Janeiro como travesti performática.

Não há muitas informações sobre sua vida, pois a existência e condições das classes populares não era de interesse da mídia e tampouco do Estado. O que sabe foi contado por Madame por relatos e entrevistas. Aos 08 anos de idade, foi entregue pela mãe a um fazendeiro e, por 06 meses, foi mantido em condições análogas à escravidão. Fugiu para o Rio de Janeiro com pretensão de estudar, mas novamente teve uma rotina de trabalho forçado. Após 05 anos, libertou-se e passou a viver de furtos pelas ruas da Lapa. Quando na vida adulta, vivia de trabalhos informais como vendedor ambulante, segurança, garçom de bordel. Conseguiu um trabalho que mudaria sua vida se apresentando como travesti num teatro na Praça Tira-dentes. Foi aplaudido depois de sambar vestido com saia vermelha. Depois do show, foi jantar em um bar onde foi confrontado por um guarda, com palavras homofóbicas raivosas. Madame, a princípio, baixou a cabeça e foi para casa. Mas depois voltou ao bar com um revólver e matou o policial.

Por este crime, foi condenado a 16 anos de prisão, dos quais cumpriu apenas dois. Viveu entre a arte e a marginalidade. Dos 76 anos de vida, 27 foram passadas em instituições prisionais. Embora seja sabido que homossexuais eram costumeiramente apreendidos pelas forças policiais, não há muitos registros oficiais, já que muitas dessas prisões eram feitas de forma ilegal.

Em 1938, participou de um concurso de fantasias promovido pelo Teatro República, com fantasia dourada e máscara com chifres. Foi apelidado pelos foliões de Madame Satã por se assemelhar a uma personagem de um filme norte-americano, Madam Satan (1930).

Madame Satã viveu entre a violência e a arte. Era uma figura conhecida nas ruas cariocas, pois usava salto, sobancelha definida, tinha trejeitos vistos como femininos e lutava corpo a corpo com policiais que o perseguiram ou iam à Lapa para importunar prostitutas. A fama da sua valentia e força eram respeitadas. Para isso, se valia de malandragem e capoeira, coisas que a cultura negra lhe havia deixado e que as autoridades cariocas desprezavam.

Faleceu em 12 de abril de 1976, vítima de câncer de pulmão. Retrato de sua época, é visto hoje como um herói da contracultura por ter desafiado padrões racistas, homofóbicos e acrofóbicos. Deixou como legado o orgulho de ser bicha e viado, como era chamado, e foi precursor da arte trans e travesti.

CLAUDIA WONDER



A ativista e performer Claudia Wonder.
Fonte: O caralho do rock (Reprodução)

Nascida em 15 de fevereiro de 1955, foi mulher trans artista e ativista pelos direitos LGBTQIAPN+. Como artista, foi cantora, compositora, atriz, escritora e performer. Foi ícone na cena underground de São Paulo, fez shows em boates e atuou também no teatro e no cinema. As artes atravessavam a vida de Claudia, assim como a luta pelos direitos LGBTQIAPN+. Chegou a trabalhar com artistas como Zé Celso, Caio Fernando Abreu e Renato Russo. Se apresentou em casas lendárias como a Nostro Mondo e na Madame Satã.

Suas performances eram impactantes, politizadas e falavam sobre a realidade das travestis e mulheres trans. Na montagem Vômito do Mito, realizada em 1985 no Madame Satã, Claudia se despiu da bandeira do Brasil que a cobria e mergulhava numa banheira de sangue (na realidade, era xarope de groselha), com uma máscara diabólica. Fazia espirrar o sangue na plateia em alusão ao sangue das vítimas da epidemia do HIV/Aids, a exacerbação da LGBTFobia e da estigmatização das travestis.

Além de sua militância artística, era colunista na revista G Magazine e trabalhou no Centro de Referência da Diversidade Sexual. O legado de Claudia Wonder para a história das artes e do ativismo é tanto que em 2009, um ano antes de sua morte, a artista foi tema do documentário Meu Amigo Cláudia. O título do filme é uma provocação sobre as identidades de gênero, provocação esta bastante promovida pela própria artista. Em 2010, a trajetória da artista foi novamente retomada, desta vez nos palcos, no show Wonder!! Vem pra Barra Pesada. Atualmente, seu nome identifica o Centro de Cidadania LGBTI+ localizado na zona oeste da cidade.

JOVANNA BABY



Jovanna Baby com seu livro Bajubá Odara, sobre a história do movimento trans no Brasil.
Fonte: Brasil de Direitos/Reprodução

Travesti e ativista, foi fundadora do ASTRAL e ANTRA. Nasceu no extremo sul da Bahia e cresceu em Vitória (ES). Lá, após ser presa com outras prostitutas pela Lei da Vadiagem em 1979, fundou a Associação Damas da Noite. A associação conseguiu mais respeito das autoridades públicas e mais diálogo com os governantes.

Em 1992, já no Rio de Janeiro, “depois de muito tempo sendo perseguida, sofrendo e apanhando muito da polícia” (PHELIPE, 2024) criou a ASTRAL (Associação de Travestis e Liberados) que se destacava também por ser liderada não por homens gays brancos, mas por “seis travestis pretas, sendo cinco nordestinas e uma carioca”.

A partir da ASTRAL, contataram lideranças travestis em todos os estados a fim de criar uma rede nacional política contra a transfobia. Em 1995, foi também uma das fundadoras da ANTRA (Articulação Nacional de Travestis e Transexuais), onde participou até 2000. Em 2010 criou o FONATRANS (Forum Nacional de Travestis e Transexuais Negras e Negros) que foca na transversalidade entre racismo e transfobia.

NEON CUNHA



A ativista Neon Cunha.
Fonte: Alma Preta/Terra

Ativista, é, em suas próprias palavras, é “uma mulher negra, ameríndia e transgênera, na ordem de percebimento e importância.” Desde muito cedo entendeu seu papel de mulher dentro de uma sociedade machista e patriarcal, assim como sua condição social de pessoa pobre e vítima de LGBTfobia. Nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, cresceu em São Bernardo do Campo, na Grande São Paulo, e veio parar na cidade de São Paulo onde se prostituía na Praça da República. Lá, recebeu tanto acolhimento e aconselhamentos de outras mulheres trans como se tornou moeda de troca. Ela, por ser nova e “limpa” (sem HIV) era negociada entre as mulheres da praça e os agentes de segurança pública.

Nesse mesmo período testemunhou as ações de extermínio realizadas por agentes de segurança pública no centro da cidade, para “limpar” as ruas das cidades do “homossexualismo” (como se dizia na época) e das travestis. A Operação Tarântula foi criada especialmente contra mulheres trans e travestis prostitutas e teve forte impacto na vida da ativista.

Em 2014 decidiu retificar seus documentos e, para tanto, precisou de laudo médico que atestasse a patologia de transgeneridade, documento obrigatório na época. Após ter seu pedido negado, entrou com pedido de morte assistida à OEA (Organização dos Estados Americanos) caso seu gênero e sua identidade não fossem reconhecidas. Com o pedido de morte assistida negado, conseguiu avançar no processo da retificação de seus documentos e se tornou a primeira mulher trans a mudar de nome sem o diagnóstico médico, criando, assim, jurisprudência para outras mulheres.

O reconhecimento de sua trajetória pode ser visto em campanhas, entrevistas e documentários e em uma casa de acolhimento localizada em São Bernardo do Campo, a Casa Neon Cunha.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, Felipe. Quem é Carolina Iara, da Bancada Feminista do PSOL, a primeira mulher trans intersexo eleita na América Latina. Esquerda online, 4/10/2022. Disponível em <<https://esquerdaonline.com.br/2022/10/04/quem-e-carolina-ia-ra-da-bancada-feminista-do-psol-a-primeira-mulher-trans-intersexo-eleita-na-america-latina/>> Acesso em 26 mar 2024.

A ESCÓSSIA, Fernanda. Filho de Cássia Eller vai ficar com Eugênia. São Paulo, [S. l.], p. 00- 02, 1 nov. 2002. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0111200221.htm#:~:text=Paulo%20%2D%20Justi%C3%A7a%20Filho%20de%20C%C3%A1ssia,Eug%C3%AAnia%20%2D%2001%2F11%2F2002&text=Numa%20decis%C3%A3o%20in%C3%A9dita%20no%20Brasil,nove%20anos%20%20filho%20da%20cantora.> Acesso em 7 dez 2023.

BALLESTEROS, Nicole. Subverter o Sistema: o Transfeminismo na voz de Letícia Carolina Nascimento. Catarinas, 28 de janeiro de 2022. <https://catarinas.info/subverter-o-sistema-o-transfeminismo-na-voz-de-leticia-carolina-nascimento/> Acesso em 10 jan 2024

BEUKERS, Natália. Cláudia Wonder: peça traz à tona trajetória da multiartista travesti ícone do ativismo LGBTQIA+. Vogue, 2/7/2022. Disponível em <<https://vogue.globo.com/Vogue-Gente/noticia/2022/07/claudia-wonder-peca-traz-tona-trajetoria-da-multiartista-travesti-icone-do-ativismo-lgbtqia.html>> Acesso em 7 mai 2024.

Brenda Lee e o seu “Palácio das Princesas”: a travesti que inaugurou o serviço de apoio aos homossexuais expulsos de casa e aos soropositivos. Memórias e Histórias da Homossexualidade. nov. 2020 Disponível em <<https://memoriamhb.blogspot.com/2009/11/brenda-lee-e-o-seu-palacio-das.html>>

CARDOSO, Rafael. “Marielle, presente!”: o legado da vereadora e ativista negra. Agência Brasil. Rio de Janeiro, 14/3/2023. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-03/marielle-presente-o-legado-da-vereadora-e-ativista-negra>> Acesso em 20 mar 2024.

CARVALHO, KETRYN. Cássia Eller: Luta pela guarda de Chicão simbolizou marco importante para comunidade LGBT. Observatório G, [S. l.], p. 00-01, 30 dez. 2021. Disponível em: <https://observatoriog.com.br/noticias/famosos/cassia-eller-luta-pela-guarda-de-chicao-simbolizou-marco-importante-para-comunidade-lgbt>. Acesso em 7 dez 2023.

CLAUDIA WONDER in Wikipedia, a Enciclopédia Livre, Wikimedia Foundation. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Cl%C3%A1udia_Wonder> Acesso em 7 mai 2024.

CUNHA, Neon. Independência ou morte. Depoimento: Neon Cunha celebra Dia da Mulher após pedir morte assistida se Justiça não reconhecesse seu gênero. Universa. 8/3/2020. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/independencia-ou-morte/>> Acesso em 7 mai 2024.

da Silva, Felipe Caseiro; da Costa, Andrei Júnior. Diz- Croquettes: resistência e performatividades queer na Ditadura do Brasil (1964-1985). 2015.

Dores de Amor. Direção: Pierre-Alain Méier; Matthias Kalin. Brasil, Suíça, 1988 ERICA MALUNGUINHO in: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Erica_Malunguinho&oldid=66943921>. Acesso em 29 nov 2023.

ÉRIKA Hilton. In: Wikipédia, a enciclopédia livre. Florida: Wikipédia Foundation. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Erika_Hilton> Acesso em 24 out 2023

GARCIA, Gabryella. Cirurgias mutiladoras marcaram a vida da 1ª deputada intersexo do país. Universa, 7/10/2022. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/10/07/carolina-ia-ra-primeira-deputada-intersexo-brasil.htm>> Acesso em 26 mar 2024.

GONZALEZ, Mariana. Viúva de João W. Nery: 'Passou da hora de termos leis para pessoas trans'. *Universa*, Uol. 24/11/2021. Disponível em <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/11/24/viuvadejoaonery-precisamos-de-leis-para-pessoas-trans-passou-da-hora.htm>> Acesso em 20 mar 2024.

QUITZEL, Virginia. Laura Vermont e o transfeminicídio no Brasil. *Esquerda Diário*. 26/6/2015. Disponível em <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/05/12/justica-de-sp-condena-tres-acusados-pela-morte-da-travesti-laura-vermont-por-lesao-corporal-leve-dois-sao-absolvidos.ghtml>> Acesso em 7 mai 2024

_____. Morre João Nery, o homem trans que enfrentou a ditadura e desafiou a cisnormatividade. *Esquerda Diário*. 27/10/2018. Disponível em <<https://www.esquerdadiario.com.br/Morre-Joao-Nery-o-homem-trans-que-enfrentou-a-ditadura-e-desafiou-a-cisnormatividade>> Acesso em 20 mar 2024.

GODOY, Davi. Ou fazemos algo grande juntos ou morreremos sozinhos”: a tragédia de Laura Vermont, 18 anos. *Diário do Centro do Mundo*. 23/6/2015. Disponível em <<https://www.diariodocentrodomundo.com.br/caso-laura-vermont-ou-fazemos-algo-grande-juntos-ou-morreremos-sozinhos/>> Acesso em 7 mai 2024.

JACQUELINE GOMES DE JESUS in *Wikipedia*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Jacqueline_Gomes_de_Jesus Acesso em 10 jan 2024

LAERTE-SE. Direção: Eliane Brum, Lígia Barbosa da Silva. Produção: Alessandra Côrte, Carolina Vianna. Distribuição: Netflix. 2017

LAERTE COUTINHO. In: *Wikipedia*, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2023. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Laerte_Coutinho> Acesso em 29 nov 2023

LAERTE COUTINHO. *MANUAL do Minotauro*. Disponível em <<https://larte.art.br/manual-do-minotauro>> Acesso em 29 Nov 2023

LETÍCIA CAROLINA in *WIKIPÉDIA*., a Enciclopédia Livre. Wikimedia Foundation. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Let%C3%ADcia_Carolina Acesso em 10 jan 2024

LINIKER in *Enciclopédia Itaú Cultural*. Disponível em: <<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa640291/liniker>>. Acesso em 7 dez 2023.

LINIKER: artista sem artigo. *Época*, [S. l.], p. 00-01, 8 dez. 2023. Disponível em: <https://epoca.globo.com/vida/noticia/2016/06/liniker-artista-sem-artigo.html>. Acesso em 8 dez 2023.

Linn da Quebrada in *Wikipedia*, a Enciclopédia Livre, Wikimedia Foundation. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Linn_da_Quebrada> Acesso em 20 mar 2024.

LOPES, Wilton. “Meu doutorado é uma denúncia”, afirma Letícia Nascimento, primeira professora trans da UFPI. *Redação Ocorre Diário*, 27 de março de 2023. Disponível em: <https://ocorrediarario.com/meu-doutorado-e-uma-denuncia-afirma-leticia-nascimento-primeira-professora-trans-da-ufpi/> Acesso em 10 jan 2024

MATIAS, Alexandre. Duas décadas sem a intensidade e a versatilidade de Cássia Eller. *CNN*, [S. l.], p. 00- 05, 29 dez. 2021. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/duas-decadas-sem-a-intensidade-e-versatilidade-de-cassia-eller/>. Acesso em 7 dez 2023.

Marielle Franco (PSOL/RJ) - Maré - RJ in *Wikifavelas*. Disponível em <[https://wikifavelas.com.br/index.php/Marielle_Franco_\(PSOL/RJ\)_-_Mar%C3%A9_-_RJ](https://wikifavelas.com.br/index.php/Marielle_Franco_(PSOL/RJ)_-_Mar%C3%A9_-_RJ)> Acesso em 20 mar 2024.

MARTINHO, Miriam. Rosely Roth (21/08/59- 28/08/1990). *Um Outro Olhar on-line*. s. d. Disponível em <<https://web.archive.org/web/20070805160222/http://www.umoutroolhar.com.br/rosely.htm>> Acesso em 20 mar 2024

_____. Memória lesbiana: Rosely Roth, amiga do coração!. Um Outro Olhar on-line. 28/8/2021. Disponível em <https://www.umoutroolhar.com.br/2021/08/memoria-lesbiana-rosely-roth-amiga-do-coracao.html#google_vignette> Acesso em 20 mar 2024.

_____. Rosely Roth: ouçam nossas vozes no dia munidla da pessoa com esquizofrenia. Um Outro Olhar on-line. 24/5/2021. Disponível em <<https://www.umoutroolhar.com.br/2021/05/rosely-roth-oucam-nossas-vozes-no-dia-de-conscientizacao-sobre-a-esquizofrenia.html>> Acesso em 20 mar 2024.

MIQUELUTTI, Guilherme. 60 anos de Cássia Eller. Rádio Senado, [S. l.], p. 00-01, 10 dez. 2022. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/curta-musical/2022/12/10/60-anos-de-cassia-eller>. Acesso em 7 dez 2023.

MALTA, Roberta. Liniker: “Ser uma mulher com um pau é revolucionário”. Marie Claire, [S. l.], p. 00-01, 22 mar. 2019. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Noticias/noticia/2019/03/liniker-ser-uma-mulher-com-um-pau-e-revolucionario.html>. Acesso em 8 dez 2023.

NEXO Jornal. A música e os corpos políticos, com Linn da Quebrada. Youtube, 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=W17OolmPFV4&pp=y-gUbbGlubiBkYSBxdWVicmFkYSBlbnRyZXZpc3Rh>> Acesso em 20 mar 2024.

NOLETO, Rafael da Silva. O canto da laicidade: Daniela Mercury e o debate sobre casamento civil igualitário no Brasil. Artigos do fluxo. N. 36. 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rs/a/vgqg5X5jMtxG6hMcwv36vQK/#:~:text=Desde%20que%20assumiu%20um%20relacionamento,popula%C3%A7%C3%A3o%20LGBT%20no%20Brasil%203>> Acesso em 30 abr 2024

OLIVEIRA, JOANA. Liniker estreia como atriz em ‘Manhãs de setembro’, série que reflete sobre transexualidade e filhos. El País, [S. l.], p. 00-01, 21 jun. 2021. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2021-06-21/liniker-estrela-como-atriz-em-manhas-de-setembro-serie-que-reflete-sobre-transexualidade-e-filhos.html>. Acesso em 8 dez 2023.

Olhar Brasileiro Retrato em Movimento Brenda Lee, 1993. YouTube. Revista da Cidade. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=Sdzhg3ri6eg>> Acesso em 26 out 2023

Palácio das Princesas Brenda Lee. Outros, Laboratório para outros urbanismos - FAUUSP. Disponível em <<http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/palacio-das-princesas-brenda-lee/>> Acesso em 01 nov 2023

PEREIRA, Néli. De testemunha de Jeová a voz do funk LGBT, MC Linn da Quebrada se diz ‘terrorista de gênero’. Portal G1, Música. 12/9/2016. Disponível em <<https://g1.globo.com/musica/noticia/2016/09/de-testemunha-de-jeova-voz-do-funk-lgbt-mc-linn-da-quebrada-se-diz-terrorista-de-genero.html>> Acesso em 20 mar 2024

PIERRE, Alan Meier; KÄLIN, Matthias. Dores de Amor, 1988. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=l7eO00w5g9o>> Acesso em 01 nov 2023

PHELIPE, Kaio. Jovanna Baby: a história do Movimento Trans e Travesti no Brasil. Mídia Ninja, 25/1/2024. Disponível em <<https://midia.ninja/jovanna-baby-a-historia-do-movimento-trans-e-travesti-no-brasil/>> Acesso em 7 mai 2024

REINALDO AZEVEDO. Érika fala sobre seu passado e seu papel da Câmara dos Deputados, Reconversão#11. YouTube. Disponível em <<https://youtu.be/aT57A-2FWIKc?si=VqomDeDnXsqqtIHA>> Acesso em 24 out 2023.

ROHEN, Bia. Gloria Groove reflete sobre sua importância para a arte: “Régua de qualidade”. Revista Quem. 16/10/2022. Disponível;ivel em <<https://revistaquem.globo.com/Entrevista/noticia/2022/10/gloria-groove-reflete-sobre-sua-importancia-para-arte-regua-de-qualidade.html>> Acesso em 7 mai 2024.

ROQUE, Daniel Salomão. Madame Satã, o transformista visto como herói da contracultura e vilão pelo governo Bolsonaro. BBC News Brasil 26/6/202. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57534106>> Acesso em 26 mar 2024.

ROSELY ROTH in Wikipedia, a Enciclopédia Livre. Wikimedia Foundation. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Rosely_Roth> Acesso em 20 mar 2024.

SAMPAIO, Daniel. Dzi Croquettes: um farol de orgulho e resistência nos anos de chumbo. Revista Veja. 30/6/2020. Disponível em <<https://vejario.abril.com.br/coluna/daniel-sampaio/dzi-croquettes-orgulho-resistencia/>> Acesso em 26 mar 2024.

SOUZA, Barbara. Liniker é a primeira mulher trans imortal na Academia Brasileira de Cultura. Notícia Preta, [S. l.], p. 00-01, 13 nov. 2023. Disponível em: <https://noticiapreta.com.br/liniker-primeira-mulher-trans-imortal-academia-brasileira-de-cultura/>. Acesso em 7 dez 2023.

TRIP. Cartunista, colocou em xeque definições de gênero e os limites da liberdade individual. 2012. Disponível em <<https://revistatrip.uol.com.br/homenageados/2012/laerte>> Acesso em 29 Nov 2023

UM Outro Olhar. Rosely Roth no programa Hebe Camargo (25/05/1985). Youtube. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=JqDzZJfJSbE>> Acesso em 20 mar 2024.

VASCONCELOS, Caê. Pioneiro trans: a trajetória de João W. Nery. Ponte Jornalismo. 28/10/2018. Disponível em <<https://ponte.org/pioneiro-trans-a-trajetoria-de-joao-w-nery/>> Acesso em 20 mar 2024.

YASSUDA, Saulo. Musical “Brenda Lee” se torna sucesso no boca a boca e amalha prêmios. Veja São Paulo. disponível em <<https://vejasp.abril.com.br/coluna/na-plateia/teatro-brenda-lee>> Acesso em 01 nov 2023

OUTRAS REFERÊNCIAS CULTURAIS RELACIONADAS

Memória: Casa de Apoio Brenda Lee

Centralidade Histórica: Bixiga

Famílias: Famílias LGBTQIAPN+

Ativismo: Pela Arte